

# A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Aleindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor—FAFE

## Democracia

«Se a Democracia é uma ideia, a República é a sua palavra; se é uma vontade, a República é a sua acção; se é um sentimento, a República é o seu poema».

ANTERO.

No decorrer dos séculos andou a humanidade, com afã procurando uma fórmula que sintetizasse todos os sentimentos generosos e ideais, conjuntos de qualidades superiores que era capaz de conceber; uma concepção, ainda vaga e imprecisa, mas já firme, síntese de princípios poderosos, estimulante de energias, fecundante de actividades, que conduziriam os homens a uma sociedade mais equitativa e perfeita.

As sociedades então estavam organizadas sobre uma única base: a desigualdade. Desigualdade na Justiça, na Política, na Religião. A superioridade do Rei, do Deus, dos senhores, imposta como dogma, como lei da natureza, sem a qual não era possível a vida e a felicidade futura prometida pelos servos de Deus aos escravos perpétuos da terra.

Foi no meio destes contrastes, de sofrimentos, batida pelo fogo da miséria hereditária, que se formou, robusta, a Razão Consciente do Povo.

Fortalecida pela experiência, forjada na servidão, suprimindo, com a sua lógica primitiva, a falta de conhecimentos monopolizados pelas castas onipotentes, a Consciência poderosa surgia lentamente, com assombro dos senhores hereditários do mando que até aí consideravam o povo como um instrumento de trabalho, paralisado de inteligência.

Os longos séculos de hegemonia — julgavam haviam-nos tornado mais perfeitos, bem diferentes da multidão.

Ante o colosso que surgia ameaçador, clamando o seu direito à vida, trilhando obstáculos, deslocando montanhas, quebrando as cadeias que o ligavam à política tradicional, à religião, à desigualdade social, estremeciam de pavor, na expectativa do seu aniquilamento.

A nova força, sem discernimento, ainda, para manifestar, clara e precisa, a sua vontade, de balde se fizeram concessões. Em vão, os servos de Deus e os servos do Rei, a cercavam de diques, de repressões ferozes, que mais aumentavam a revolta:

*os proscritos da sociedade deixavam de subordinar-se definitivamente aos dictames das vontades estranhas!*

O Povo, pretendia atingir essa fórmula bendita de Liberdade e Justiça, idealizada vagamente na sua consciência robusta, que lhe desse uma garantia concreta dos seus direitos, que fosse um símbolo de redenção perpétua!

A Revolução necessária teve de surgir com todo o seu cortejo de horrores barbaros, contudo de quasi inapreciáveis efeitos, pulverizando, de vez, a secular organização social. Caudais de sangue correram em holocausto a esse pensamento sublime que agitava os povos e as mentalidades superiores. No laboratório formidável da

Convenção, os homens, reuniram-se pela primeira vez, proclamando a sua soberania, renegando orgulhosamente a mentira excluindo o direito real.

A desigualdade deixou de ser considerada como lei da natureza: a liberdade humana foi proclamada!

Renovando-se inesgotavelmente, os obreiros primitivos da Liberdade, Igualdade e Fraternidade, construiram, pedra a pedra, os grandiosos princípios produto formidável de laboração renovadora e de experiências auzadas, que haveriam de seguir os homens das sociedades futuras.

A «Declaração dos Direitos do Homem», foi lançada altivamente à face da Europa assombrada; o povo, proclamado como único e legítimo soberano, senhor da sua vontade e do seu destino.

Deante da nova fé, os Conventuais, sacrificando-se, aniquilando-se, substituído-se, como forças inesgotáveis e fecundas, agentes históricos da maior obra humana, propagaram, em vinte anos de guerra, os princípios da Revolução Francesa, por toda a Europa abismada.

E, finalmente, essa fórmula, para a qual tendiam os esforços duma geração inteira, sacrificada gloriosamente à sua sublimidade, foi aceite, de um modo indiscutível.

A Democracia, látego formidável da Revolução, facho deslumbrante que derrubou os tronos mais sólidos e as organizações opressoras sociais mais resistentes, é a República!

\*\*\*

Portugal foi uma das nações que primeiro adoptou instituições democráticas. E, libertada do jugo real, pela revolução de 5 de Outubro de 1910, logo a República começou a produzir os seus fructos benéficos.

A consciência e a dignidade dos cidadãos muito lucraram com a adopção dos princípios democráticos na sua pureza, o que atesta, mais uma vez, o quanto o sentimento da liberdade é um sentimento inato a todos os povos, ainda os mais decadentes e oprimidos, como era o nosso pobre povo português.

As leis do Registo Civil obrigatório, a separação das Igrejas do Estado, a instrução primária gratuita, na medida do possível, as leis de protecção à família, à mulher, aos filhos naturais, as leis do divórcio, e protecção aos menores, a supressão das congregações religiosas e a expulsão dos jesuitas, e outras leis, ainda que, incompletas e imperfeitas, mostram as vantagens e benefícios que o novo regime trouxe para Portugal.

E' necessário, porém, rever, transformar, humanisar certas disposições, aperfeiçoar outras, introduzir princípios novos, porque as instituições humanas, pela sua

própria natureza, não podem ser mais do que a forma transitória, de evolução social.

Urge, pois, tratar convenientemente dos problemas que surgem de continuo, e, só pelo estudo, pela discussão poderíamos os resolvê-los duma forma que se coadune com os princípios da Democracia sempre fecunda.

E' por intermédio da Democracia que actualmente todos os povos deviam solucionar os seus problemas vitais, em princípios de tolerância, de paz, de respeito pelos outros e por si mesmos; por intermédio dela, frutificaria o trabalho, depurar-se-hia a inteligência, floresceriam as artes, a industria, as sciencias. Mas, nem sempre assim o entendem os povos. As ideias do passado, se bem que meio corroidas, ainda influem poderosamente em prejuizo da fraternidade universal.

E, no entanto, a Democracia é sinónimo de emancipação da Humanidade, e, gerações de mártires, lamentam talvez os seus sacrificios, as suas lutas, para a imporem ao Mundo civilizado. Embóra! A marcha da Democracia universal, caminhará, no sentido da libertação dos homens! Arreigada na alma das nações, ela já é tão necessária à sua existência, que não se concebe a sua supressão.

Ainda que os povos a sacrificiem, ás suas paixões e interesses diferentes, a eterna Democracia lá estará sempre no caminho, lábaro fascinante de luz e beleza, fonte de energia perpétua que há-de conduzir os povos á felicidade universal!

Asdrubal João d'Aguiar

De a «Liberdade», n.º 53.

### Ditos agudos e espirituosos

Perguntado Diógenes—que fructo recebera da filosofia?—respondeu:

—Que estar preparado para receber com animo constante e sem perturbação qualquer coisa que lhe sobreviesse.

\*\*\*

Perguntado Xemócrates—porque causa se fazia mudo?—respondeu:

—Porque muitas vezes me pesou de haver falado, e nunca de me ter calado.

\*\*\*

Disse Seneca:

—Muito aproveita á quietação falar pouco com os outros e muito consigo.

\*\*\*

Se lutas pela mentira, mais tarde ou mais cedo acabarás por te atascar na própria lama das tuas ignominias.

Abraça, antes, a Verdade; sacrifica-te por ela ao teu ultimo alento. Viverás em paz com a tua consciência e serás permanentemente respeitado e querido por todos os que avaliam o teu esforço neste mar revolto de paixões.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

## Republicano!... Em maré de economias

Ouviste dizer que suspendeu a sua publicação «O Diário Popular», que o «Povo» e o «Rebate» levam uma vida cheia de privações, isto para só falar nos jornais diários que se publicam em Lisboa; e tu continuas imperturbável, não fazes caso... cobres com o teu soberano desprezo essas *pequenas coisas*... e como se nada fôsse, segues o teu caminho doirado... comprado aqueles jornais, que te combatem a ti e aos teus correligionários.

Enquanto os monarquicos convictos auxiliam a sua imprensa, tu a título dos jornais serem de maior informação ou por habito, fechas os ouvidos aos lamentos da imprensa republicana e contribues com o teu dinheiro para a manutenção daqueles grandes diários.

Queres um jornal de grande informação, com muitas paginas e boa apresentação?

Mas isso está na tua mão.

Compra os jornais republicanos, faz propaganda deles, consegue dentre os teus amigos um ou mais assinantes e verás que tudo isso aparece por encanto!

ALBANO CRUZ.

### CHAPEUS para Senhora e Criança

Maria do Ceu Mendes Silva, participa a V. Ex.<sup>as</sup> que no dia 4 de Maio faz a sua Exposição de Chapeus e sedas para vestidos na Casa Rebelo, Largo do Toural (antiga casa Cabral).

Desde já agradece tambem a V. Ex.<sup>as</sup> uma visita do dia 5 em diante na sua casa á Rua de S. Damaso, 89—Guimarães.

...Demasiado sabem *monarquias e impérios* que,—no dia em que a consciencia dos povos, iluminada pelo facho lampejante da instrução, compreender bem os seus direitos e souber alár os seus anseios para a verdadeira altura da *Liberdade* e da *Dignidade* especificas,—nesse dia, ai das testas coroadas que terão contados os ultimos momentos do seu odioso reinado sobre os homens.

Já, em palavras mais suaves e sibilinas, o disse a segunda *Catarina* da Russia. E outras testas coroadas o teem dito, nas suas raras e fugitivas horas de sinceridade.

O Snr. Cónego Vasconcelos, zeloso funcionário da Republica, anda empenhado em arranjar grandes economias nos Asilos e Hospitais de Caridade de que faz parte das Mesas. Começou pelo Asilio dos Invalidos de S. Paio, expulsando aquele pobre septuagenario José do Couto, que faleceu pouco depois; correu a seguir do Hospital da Ordem de S. Domingos, outro septuagenario, que pagou os seus direitos para ser irmão d'aquela ordem, Joaquim Marcado, e segundo consta, anda agora em congeminacões para expulsar mais alguns.

Mas como todas as grandes obras dos mortais tem um *senão*... as medidas do Snr. Cónego Vasconcelos, seriam bem vistas por toda a cidade *senão* (cá está ele)... fôsse o consentir que se conservasse no exercicio das suas funcões, na secretaria do Hospital da Misericordia, um funcionario com mais de setenta anos de idade. As medidas de economias devem vir de cima para baixo e não de baixo para cima.

Como o Snr. Cónego Vasconcelos está a fazer, sómente recadem em pobres desgraçados, sem eira nem beira, que por falta de recursos, vão morrer a qualquer canto ou esquina, como aconteceu àquêle infeliz José do Couto.

Estas palavras de Miguel Unamuno teem sempre oportunidade:

«Anda por aí uma filosofia que dizem ser a dos homens fortes, e que é apenas a dos debéis, que sonham com uma fortaleza de que carecem. A força gera sentimentos de solidariedade e de Justiça, desejo de sacrificio pelo próximo. «Os homens verdadeiramente fortes são os que sabem coordenar os seus esforços com os dos outros, são os que sabem que não ha quem possa ser de todo livre enquanto houver um semelhante que seja escravo. A liberdade é um bem comum, e quando não participam dela todos, não serão livres embora assim se julguem.»

«Os fortes, verdadeiramente fortes e dignos deste nome, são os que teem consciencia de que só é verdadeiro homem o que aspira a ampliar, acrescentar e corroborar a liberdade comum.»

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

FERNÃO BOTTO-MACHADO

**A Voz da Razão**

**A PÁSCOA**

Pelas ruas da opulenta Jerusalem, Cristo—o grande visionário da Palestina—tinha sido ovacionado delirantemente.

Ramos de palmeiras e oliveiras tinham-se estendido á passagem do Filho de David que montado num jumento, ouvia as mais entusiastas hossanas, conhecendo bem a efémera duração do triunfo pessoal.

la celebrar-se a festa mais importante do judaísmo—a Páscoa—e, por isso, Cristo mandou dois emissários preparar os alojamentos precisos.

Em faustoso scenáculo, sentados á mesa, Cristo e os doze companheiros comiam amigavelmente.

Pasmados, ingénuos, calejadas as mãos pelo trabalho e queimado o rosto pela brisa do mar, os doze escutam o Mestre. Ignorantes e rudes, os doze não compreendiam a doutrina do Nazareno que, numa só frase, sintetizava todo o seu ideal, dizendo: «O meu preceito é este: que vos ameis uns aos outros».

\* \*

Passaram-se quasi vinte séculos: o preceito de Cristo jaz no pó do olvido e o seu ideal, tão alto como belo, serve de escudo ao vício, de subterfúgio ao crime, de capa á mentira.

Imitações irrisórias da sua vida observam-se por cidades e aldeias, para passatempo de almas simples e ingénuas e em obediência ao grande mandamento dos hipócritas romanos:—«mete dinheiro na bolsa; muito dinheiro na bolsa».

Cristo, Cristo, que tempo este! Quão diferente daquele em que tu azoragavas os vendições do tempo, do tempo em que mansamente dizias:

—Se queres ser perfeito, vai; vende o que tens e dá-o aos pobres!

Olha! A humanidade e a pobreza que tu exaltaste, é esta: os teus melhores representantes—o papa sea aristocracia clerical—vestem-se de sédas, púrpuras e arminho; vistosas mitras, cravejadas de diamantes, cingem-lhes a cabeça, parodiando, assim, a tua corôa de espinhos; aureos e grossos cordões, donde pendem cruces riquíssimas, adornam-lhes o peito; de joelhos se beija ao bispo de Roma a valiosíssima fivela do sapato e o anel da mão aos outros bispos; e as esmolas que ganham são tão mesquinhas que vivem principesicamente, (são principes!) chegando tais esmolas para a compra de suntuosíssimos palácios.

O meu reino não é deste mundo, disseste tu, oh Cristo!

Mas dorme em paz, místico sonhador da Galileia! A Verdade, como a Liberdade, não se escraviza. Podem comprimi-la para, semelhante ao vapor, criar mais força, triunfar mais retumbantemente.

Um dia virá em que gerações ecléticas e iconoclastas, sedentas do Bem e da Justiça, despedaçarão as argolas férreas da escravidão para que surja para sempre a vitória do preceito mais cristão e mais humano: — **Amai-vos uns aos outros.**

Abril de 1930. G. V.

De «A Humanidade», n.º 19.

O Imperador Teodósio, o Grande, escrevendo ao prefeito Rufino deu-lhe as seguintes instruções:

«Se alguém censurar a nossa governação, ou disser mal do nosso governo, não queremos que seja castigado: Se falou por ligeireza, desprezai-o; se por loucura, lastimai-o; se por injúria, perdoai-lhe».

**António José de Almeida**

Até que enfim, parece que se vai tornar em realidade a falta que até hoje se tem notado em Guimarães de não haver uma comissão encarregada de angariar donativos para a subscrição nacional pro-monumento *Dr. Antonio José de Almeida* que foi, inquestionavelmente, uma alta figura da Patria e da Republica.

Sabemos que os Snr.s, Dr. José Pinto Rodrigues e Alberto Gomes da Silva Guimarães, concertaram-se em ir junto de diversos republicanos vimaranenses, para assim constituírem uma grande comissão, para levar a efeito aqui, o que noutras terras constitue já uma realidade.

Este jornal, desde já oferece as suas columnas á illustre comissão que se organizar, não sómente para a propaganda que se desejar fazer, como também para inserir as relações dos subscritores.

**Norton de Matos**

Em 19 de Julho de 1927, liamos na carta de Viana do Castelo de 17 do mesmo mês inserta no jornal do Porto «O Primeiro de Janeiro» as palavras que se seguem, que encheram de orgulho, o nosso coração de Minhôtos:

Sabemos que o livro «A Provincia de Angola», pelo sr. general Norton de Matos—cuja 1.ª edição ha muito se acha esgotada—foi traduzido para inglez e deve ser posto á venda em Londres antes do fim do ano corrente.

Esta noticia, que todos os limianos decerto lerão com um comovido orgulho (o eminente estadista é uma gloria muito nossa), bem mostra que não são as campanhas difamatórias nem os procedimentos já habituais em Portugal que tiram o valor, a quem o tem,—extra-fronteiras

A missão mais nobre da imprensa é a de defender o oprimido. Este é o primeiro dos seus deveres.

Impresso de onde não se irradie luz e verdade, livro que não moralize e instrua, jornal que não esclareça e doutrine—para que servem?

Rasguem-nos e queimem-nos,

BRITO ARANHA

**Dr. Cal Brandão**

A «Humanidade» promoveu no dia 13 do corrente, do mingó, um passeio a Coimbra, onde se encontra desde ha tempos o seu illustre director, Dr. Carlos Cal Brandão, a que se associaram muitos amigos e correligionários, propositadamente para uma visita, como prova de solidariedade.

Ao Director do nosso colega, apresentamos com um abraço de correligionário o protesto da nossa solidariedade.

**Seara alheia**

**A oportunidade do Congresso**

O nosso estimado colega «A Montanha», em resposta ao editorial de O «Povo» sob o titulo *Congresso Republicano*, publicou um judicioso artigo ácerca dos preliminares dessa importante assembleia, depois de dar conta da consulta feita pelo mesmo jornal ao directorio do partido que representa. Segundo se depreende do artigo do nosso prezado confrade, o referido directorio havia manifestado a sua concordancia com o Congresso, julgando-o, porém, inoportuno, sem todavia o contrariar.

E' uma opinião eminentemente respeitavel e como tal, dentro do espirito de tolerancia e liberdade de pensar que é nosso timbre, teremos de aceita-la.

Todavia não são descabidas aqui algumas considerações ácerca da oportunidade do Congresso que nós reconhecemos e «A Montanha» nos acompanha. Não as fazemos com meros intuitos de polemica, que seria muito interessante e até vantajosa desde que fosse conduzida com elevação, porque outros assuntos nos perdem mais a atenção.

Os vinte anos de regime republicano forneceram inumeros exemplos ácerca do entendimento que deveria existir entre todas as correntes da Republica. A experiencia demonstrou-nos igualmente ao cabo deste lapso de tempo que dissensões intestinas, na maioria dos casos filadas em pequenos detalhes, interpretações erradas ácerca do *modus faciendi*, foram bem dolorosas para a causa da Republica.

A dispersão da força republicana, ocupando varios sectores na luta, foi por vezes tão prejudicial á vida do regime, como os ataques francos e dissimulados dos inimigos. E compreende-se que assim tivesse sido desde que se saiba que só o agregamento de todas as células torna sólido um corpo.

Afastando-se alguns elementos do centro da acção, passando por isso a ocupar a periferia, natural se tornava que de acção desencontrada, desordenada mesmo, resultasse o abalo do corpo que era mister solidificar.

Chamados amanhã os partidos á sua função normal necessariamente, desde que se não procure antecipadamente um entendimento entre todos, que cada agrupamento seguirá a rota delineada anteriormente, e voltaremos aos velhos processos de lutas e, o que é mais triste, os republicanos dispersos, ocupando cada qual sua posição na luta.

E' aqui que reside a nossa discordancia com os que julgam inoportuno o congresso embora aceitem de bom grado a ideia.

Já o dissemos e é forçoso repeti-lo. O Congresso Republicano não poderá ter por objectivo a dissolução dos partidos. Os partidos fundaram-se por motivos ponderosos e, porque não dizelo! por razões de ordem psicologica e politica. Logo, os partidos tem uma missão especial e até historica.

O Congresso deve ter por missão estreitar as forças republicanas, unindo, no mesmo amplexo de fraternidade, todas as correntes, revigorando-as tanto quanto possível para que da sua acção resulte um melhor rendimento na defesa da Republica sem que para o conseguir, os republicanos tenham que degladiar-se na luta.

Se é assim, e nada nos demonstra o contrário, o problema maximo, como ainda ha bem pouco tempo o defendiamos, é a união de todos os republicanos sem abdicções perigosas ou transigencias vergonhosas.

Só depois de estabelecida a união em bases sólidas e inofensáveis, é que se devem estudar os problemas que mais interessam ao regime e discutir o *modus*

**UMA CARTA**

... Snr. Director de «A Velha Guarda».

Muito agradecerei a V... a publicação do seguinte:

O autor do artigo intitulado «Falando Claro», ácerca do Claustro da Oliveira, publicado em o N.º 270 de «A Velha Guarda», aponta o meu humilde nome como um dos unicos que, na nossa terra, poderiam levar por diante a restauração daquela veneranda reliquia.

Agradecendo a lisongeira apreciação que, de tal afirmativa, transparece a favor da minha capacidade, peço licença para discordar da amável opinião, porquanto, não sendo a minha cultura artistica, infelizmente para mim, tão complexa que me permitisse arcar, de cara levantada, com a responsabilidade enorme de restaurar a preciosidade em questão, inteiramente alheio ás consciências arqueológicas, incompetente, em suma, para resolver problemas daquela natureza, eu passaria a mim próprio um deprimente e vergonhoso diploma de mistificador audacioso (titulo afrontoso para o meu carácter, digo-o com vaidade) se consentisse em me colocar á frente de tão difícil empreendimento.

Aquilo carêce de um conjunto de conhecimentos, de uma educação e de um sentimento tais, que incontestavelmente não posuo e que não se encontram por aí a esmo.

Aquilo necessita duma grande autoridade tecnica e saber proficional, que nem toda a gente possui, para se manter integra a verdade historica, que acima de tudo devemos respeita, das obras monumentais.

E, porque assim o entendo, reconhecendo, felizmente, a minha pequenez perante a magestade dos Claustros da Oliveira, não me envaidece a amabilidade do digno articulista, que desconheço, a quem reitero os meus melhores agradecimentos, afirmando-lhe simultaneamente, *sob a minha palavra de honra*, que não são ditadas por uma descabida e falsa modéstia as palavras que aqui deixo, pois tão sómente exprimem, com sinceridade, o que realmente sinto.

Guimarães, 25 de Abril de 1930.

De V...

ABEL CARDOZO.

*faciendi*, inspirado sempre, é claro, num unico objectivo: o da defesa da Republica.

Unidos os republicanos é, na verdade necessario o estudo de alguns problemas vitais da Republica. Há quem forme, modernizar, dar actualidade, á organização politica das forças do regime.

Guyau disse que a humanidade deve queimar hoje o que adorou ontem. O conceito ajusta-se ao nosso caso. Provou já a experiencia que é mister pôr de parte, por inuteis, velhos processos. Assim se deve fazer.

Os arcaicos processos de luta, obedecendo mais ao critério pessoal do que ao próprio critério da República, não podem prevalecer. Teremos, pois, de estudá-los convenientemente e adoptar as soluções indispensáveis.

Esta será a missão do congresso e deve ser dentro deste critério que os congressistas tem de orientar-se. Se assim não se pensar mal ferido sairá o interesse da República.

Estarão todos os republicanos de acordo com este pensamento?

E' o que interessa saber neste momento. «O Povo» pôs já á disposição dos republicanos as suas columnas, acolhendo todos os aivites e sugestões.

E aguarda que se pronunciem os melhores valores da República para se pautar o caminho a seguir.

De «O Povo»

**EDITAL**

*José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto, Administrador do Concelho de Guimarães;*

*Faz saber que para cumprimento do art. 8.º do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, baixou á Secção Administrativa da Camara o edital da Circunscrição Industrial, do teor seguinte:*

*Eu, José dos Santos Sampaedor Viegas, Engenheiro-chefe da 1.ª Circunscrição Industrial.*

Faço saber que Joaquim da Cunha pretende licença para instalar uma fábrica de tecelagem manual e mecanica de colchas e tinturarias no Logar de Covas, freguesia de Polvoreira, conceiho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com terrenos do requerente.

E como o referido estabelecimento industrial se acha compreendido na classe 2.ª da tabela 1 anexa ao regulamento das indústrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas, aprovado pelo decreto n.º 8.364, de 25 de Agosto de 1922, com os inconvenientes de barulho, trepidação, perigo de incendio, fumos nocivos, emanações e inquinação das águas são, por isso e em conformidade com as disposições do mesmo decreto, convidadas todas as pessoas interessadas a apresentar, por escrito, na 1.ª Circunscrição Industrial, com sede em Porto, na rua Sá da Bandeira n.º 142—2.ª, as reclamações que julguem dever fazer contra a concessão da licença requerida, no prazo de 30 dias, contados da data da publicação deste edital, podendo na mesma Repartição ser examinados os documentos juntos ao processo.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 11 de Abril de 1930.

*O Engenheiro-Chefe,*

*Salvador Viegas.*

E' o que contem o referido edital.

Guimarães, Secção Administrativa, 23 de Abril de 1930. E eu, *José Fernandes Ribeiro Gomes*, chefe da secção administrativa, o subcrevi.

*José Maria Pereira Leite de Magalhães Couto.*

**PIANO**

PRECISA-SE alugar um que seja bom, por 5 meses para casa de familia.

Quem tiver queira dirigir-se a Boaventura da Costa Caldas=VIZELA.